Desempenho de mercado

23 de novembro de 2026

AÇÚCAR: O preço do açúcar apresentou aumento em 0,36% em São Paulo, alcançando o nível de R$129,36 na média semanal, sendo o maior valor desde maio. O preço no porto de Santos chegou a R$139,04 na média semanal, um aumento de 2,30%. No mercado externo, o preço internacional do açúcar continua no patamar de 17 centavos de dólar por libra-peso na Bolsa de Nova York. Com a redução da projeção da produção mundial pelo Departamento de Agricultura Americano e manutenção da demanda global, há expectativa de alta potencial para o preço no primeiro semestre de 2027. Atualmente a baixa do preço internacional pode ser explicada para um aumento do volume produzido na Índia e também ao aumento de produção pela China. Essa baixa do preço internacional acaba sendo compensada pelo câmbio, melhorando a paridade brasileira e aumentando as exportações, pressionando o preço interno para cima.

ALGODÃO: O mercado internacional de algodão apresentou forte desvalorização na semana, com recuo dos contratos futuros negociados na Bolsa de Nova York (ICE Futures US), pressionados pelo fortalecimento do dólar, pela queda do petróleo e pelo avanço da colheita norte-americana, em um cenário de incertezas quanto à demanda mundial. No mercado brasileiro, os preços apresentaram maior sustentação, favorecidos pela valorização do dólar frente ao real e pela redução da pressão vendedora. Apesar disso, o ritmo moderado da demanda externa e as perspectivas de elevada produção nacional continuam limitando uma recuperação mais consistente das cotações.

ARROZ: O mercado doméstico de arroz manteve baixa liquidez, com negociações pontuais e continuidade da pressão sobre os preços. No Rio Grande do Sul, a cotação média ao produtor atingiu R$ 80,26 por saca de 50 kg, queda semanal de 1,05%, enquanto em Santa Catarina recuou 1,40%, para R$ 72,72. No mercado externo, o dólar avançou 3,92% frente ao real, favorecendo a competitividade das exportações brasileiras, enquanto o arroz tailandês 100% B valorizou 2,36%, alcançando US$ 521,00 por tonelada. Apesar das condições cambiais mais favoráveis, a demanda doméstica permaneceu limitada, com a indústria cautelosa nas aquisições e o setor produtivo mantendo expectativas de recuperação dos preços nas próximas semanas.

CAFÉ: A última semana foi marcada por predominante alta nos preços do arábica no Brasil, movimento favorecido em grande parte pela alta do dólar no país, que exporta a maior parte da sua produção. Já o conilon apresentou redução dos preços no mesmo período, com as cotações internacionais pressionadas pelo avanço sazonal da colheita no Vietnã, país que é o maior produtor mundial da espécie Coffea canéfora e que tem previsão de recorde de produção no ciclo 2026/27. A tendência é de variações moderadas dos preços nesse final de ano em razão das incertezas de mercado sobre o campo econômico e sobre a safra 2027 no contexto do *El Niño*.

CARNE BOVINA: A oferta de boi gordo segue restrita e a demanda firme sustentando os preços que se mantiveram estáveis nesta semana. No atacado, os cortes traseiros recuaram em 1,7%, enquanto os dianteiros valorizaram em 1,3% com maior procura. As exportações apresentaram melhora, comparativamente aos meses anteriores. No curto prazo, expectativa de mercado firme com provável aumento da demanda em razão da entrada dos salários e do 13º salário.

CARNE DE FRANGO: O mercado de frango vivo perdeu sustentação nesta semana com aumento da oferta e queda de 3,4% nos preços. No atacado, o ritmo mais lento de consumo levou os frigoríficos a ajustarem as compras para evitar acúmulo de estoques, com queda de preços de 2,5% para o frango congelado. Em 17 de novembro último foi declarado o encerramento da emergência sanitária em Santa Catarina, após mitigação dos focos da doença de Newcastle, mas as restrições comerciais às exportações ainda perduram. Para o curto prazo, expectativa de mercado pressionado e demanda retraída.

CARNE SUÍNA: O mercado de suíno vivo apresentou queda das cotações em torno de 5,2% nesta semana, pressionado pelo aumento de oferta. A demanda retraída também pressionou os preços no atacado com queda de preços de 3,3%. O volume das exportações segue superior a igual período de 2025, mas com expetativa negativa com a anuncio da suspensão das importações pelas Filipinas a partir de 24 de novembro. Para o curto prazo, tendência de pressão baixista com aumento da oferta e consumo enfraquecido.

ETANOL: O Etanol Anidro atingiu a marca de R$3,54 por litro, aumento de 2,28% em relação à semana anterior e mantendo o patamar elevado do mês de novembro. O Etano Hidratado também apresentou aumento na semana de 1,83% e atingiu o valor de R$2,98 por litro, se aproximando da marca dos R$3, nível não alcançado desde fevereiro desse ano. A isenção de tributos federais continua vigente até 9 de dezembro, com a alta do preço representando um ganho para o produtor. Apesar de o preço internacional do petróleo ter caído durante a semana, o que afeta diretamente o preço dos combustíveis concorrentes ao etanol, o preço do etanol aumentou. Isso se deve à disputa do insumo com a indústria açucareira, que apesar de o preço internacional do açúcar também ter caído, a desvalorização do câmbio compensou essa queda e aumentou a atratividade da exportação de açúcar, encarecendo o insumo do etanol e resultando no seu aumento de preço.

FEIJÃO: Na última semana, as cotações do feijão carioca permaneceram estáveis, sustentadas pela manutenção dos preços pedidos pelos vendedores, em um cenário de compras pontuais por parte dos empacotadores. Já o feijão preto apresentou valorização no Paraná, onde o preço recebido pelo produtor subiu 9,28%, de R$ 267,05 para R$ 291,82 por saca. A alta foi favorecida pela oferta restrita no mercado interno e pela valorização do dólar, que tende a encarecer as importações.

LEITE: O mercado de leite enfrenta pressão de baixa nas cotações do spot, impulsionada pelo aumento sazonal da oferta e pelo recuo de derivados como o leite UHT e a muçarela, enquanto a margem do produtor segue sob forte aperto devido à relação de troca desfavorável frente à arroba do boi gordo - estimulando o descarte de vacas - e à perspectiva de encarecimento da ração.

Desempenho de mercado

23 de novembro de 2026

MILHO: A Bolsa de Chicago apresentou estabilidade na semana, com uma diminuição tímida no preço internacional. O câmbio apresentou desvalorização moderada, dando continuidade ao movimento de subida das semanas anteriores e se aproximando do patamar de R$6. Apesar de o preço internacional não apresentar grande variação, a desvalorização forte do câmbio melhorou a paridade internacional do milho brasileiro, estimulando fortemente as exportações. O resultado das exportações parciais acumulado até a terceira semana de novembro aponto um volume de 4,7 milhões de toneladas exportadas. Esse número mostra que houve uma aceleração nas exportações provocada pela alta do câmbio, com um desempenho da média diária 38,5% mais alto quando comparado com o mesmo mês de 2025. Nesse ritmo, as exportações de novembro desse ano possuem o potencial de superaram o volume exportado no mês de novembro do ano anterior, recuperando uma parte da quantidade esperada para o ano de 2026. No mercado interno, os preços permanecem estáveis, com pouca variação e possibilidade de aumento. Com a elevação das exportações, parte da oferta é escoada para o mercado externo, reduzindo a pressão sobre os preços internos. O mercado de etanol também abre espaço para o milho, pois o ganho de paridade para o açúcar redireciona insumo que seria usado para a produção de etanol.

RAIZ DE MANDIOCA: O clima favoreceu os trabalhos de campo, mas a colheita avançou pouco e a oferta permaneceu ajustada à demanda das indústrias. O processamento cresceu, porém, a disponibilidade de matéria-prima seguiu limitada, mantendo o mercado firme.

FÉCULA DE MANDIOCA: A demanda ganhou força com compradores buscando recompor estoques, inclusive para lotes maiores, enquanto a oferta permaneceu limitada. A procura aumentou entre indústrias, modificadoras, fecularias e mercado externo, mantendo o mercado aquecido e os estoques reduzidos.

FARINHA DE MANDIOCA: A procura continuou crescendo, principalmente para reposição de estoques no atacado e abastecimento do varejo para as festas de fim de ano. A oferta de mandioca aumentou, mas o processamento permaneceu abaixo da capacidade plena, enquanto os negócios avançaram em diversas regiões.

SOJA: As cotações da soja na Bolsa de Chicago apresentaram leve retração de 0,11% na média semanal, pressionadas pela frustração das expectativas de novas compras chinesas no encontro entre Donald Trump e Xi Jinping, pelo fortalecimento internacional do dólar e pelas perspectivas de elevada oferta sul-americana. Em contrapartida, o farelo de soja registrou valorização, sustentado pela demanda externa. O mercado também permaneceu atento aos estoques mais ajustados dos Estados Unidos, conforme indicado pelo relatório de novembro do USDA. No mercado interno, os preços apresentaram forte valorização, impulsionados principalmente pela alta de 4,23% do dólar frente ao real, que compensou a leve queda de Chicago e a redução de 5,22% dos prêmios de exportação. O principal destaque foi Paranaguá-PR, onde a cotação atingiu R$ 172,10/60 kg, ampliando a valorização observada nas semanas anteriores e alcançando o maior patamar desde março de 2023. Nas regiões produtoras, os preços avançaram 3,09% em Cascavel-PR e 2,29% em Sorriso-MT. Com isso, o preço médio nacional subiu 3,04%, alcançando R$ 142,11/60 kg, enquanto o avanço da semeadura da safra 2026/27 manteve as perspectivas de elevada oferta brasileira.

TRIGO: Enquanto no Brasil segue a escassez de lotes de alta qualidade para moagem, no exterior a perspectiva de ampla oferta do Hemisfério Sul (com colheitas favoráveis na Argentina e Austrália) e o fortalecimento do dólar derrubam as cotações nas bolsas de Chicago e Kansas.